



Universidades Lusíada

Rapaz, Virgílio José, 1942-

Malthus e os 200 anos do princípio da procura efectiva

<http://hdl.handle.net/11067/5762>

<https://doi.org/10.34628/4d23-we78>

Metadados

Data de Publicação	2020
Palavras Chave	Malthus, Thomas Robert, 1766-1834 - Crítica e interpretação, Procura (Teoria económica)
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCEE] LEE, n. 29 (2020)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-17T14:55:33Z com informação proveniente do Repositório

MALTHUS E OS 200 ANOS DO PRINCÍPIO DA PROCURA EFECTIVA

Virgílio Rapaz

Professor Catedrático da Universidade Lusíada
vrpaz@zonemail.com

DOI: <https://doi.org/10.34628/4d23-we78>
Recebido: 11.10.2020
Aprovado: 07.02.2021

Pergunta: que economista está associado ao chamado princípio da procura efectiva? Julgamos que a resposta mais imediata, mais comum, será Keynes. Todavia, a verdade é que o próprio atribui, correctamente, o mérito a Malthus. Esta curta Efeméride de divulgação visa reparar essa recorrente “injustiça histórica”.

Com efeito, faz agora 200 anos que Malthus (1820, Pg. 417) escreveu: “*General wealth will always follow effective demand*”. Essa postura contrariava a posição mais aceite na época: caso do seu amigo e tantas vezes opositor, Ricardo, seguidor da “*loi des débouchés*” de Say (1803). Sintetizando: como factor explicativo do desempenho da economia, Malthus (e Keynes) privilegia a procura, Say (e Ricardo) a oferta.

Este, ainda antes da publicação da versão francesa de Malthus (1820), endereçou-lhe uma carta pública (Say, 1820), reafirmando a validade da sua lei, “*les produits s’échangent contre des produits*” (com reminiscências de Lavoisier), fundamentada em argumentos igualmente dirigidos às críticas do socialista Sismondi (1819).

Keynes (1936) recorda o ensinamento dos clássicos, corporizado na Lei de Say, “*supply creates its own demand*” (Pg. 18), adoptada por Ricardo, J.S.Mill e mesmo um jovem Marshall, isto é, como explica a seguir, a totalidade dos custos de produção deve necessariamente ser gasta, directa ou indirectamente, na compra do produto. A existência de crises gerais de sobreprodução ou de subconsumo não é possível. Ora, a simples observação da realidade permite constatar que esse não será sempre o caso (1). A crítica de Keynes (1936) é certa: esses economistas tradicionais são “*Candides*” (Pg. 33), defendendo que tudo vai pelo melhor no melhor dos mundos possíveis.

Note-se que, no entanto, o claro repúdio de Say e da lei epónima no arranque de Keynes para a sua própria construção teórica acabou por lhe conferir uma importância desproporcionada em relação à sua contribuição para o edifício clássico. Graças a Keynes, Say voltou à ribalta, após um longo período de olvido, se não de opróbio, ultrapassado o zénite da ortodoxia liberal, em meados do século XIX.

Malthus (1820) opôs-se veementemente a Ricardo (1817), que defendia ser impossível uma deficiência da procura efectiva, nomeadamente no Capítulo XXI (2). E em cartas que lhe dirigiu, transcritas em Keynes (1936, Pg. 362-3), exemplifica com a poupança, como fuga ao circuito, donde a relevância decisiva da procura efectiva, como explicação do nível da produção e do emprego (3). Teria sido oportuno aduzir outros possíveis desvios, como os impostos ou as

importações, neste caso, aliás, em contradição com a defesa do livre cambismo internacional. Recorde-se que, perante este risco de inadequação da procura, Malthus apoia a realização de consumos improdutivos pelos proprietários das terras, donde o conhecido suporte das “*Corn Laws*”, mais uma vez em oposição a Ricardo (4).

Já antes da “*Teoria Geral*”, Keynes (1933) sublinhava que Malthus, “*the First of the Cambridge Economists*” tinha sido seu precursor, tese que recupera e aprofunda na sua obra principal (5). E interroga-se: como foi possível que esse ponto de vista tivesse sido ignorado tanto tempo? Reproduzindo Keynes (1936, Pg. 32): “*Ricardo conquered England as completely as the Holy Inquisition conquered Spain*” ... *The completeness of the Ricardian victory is something of a curiosity and a mystery*”.

Em seguida, ele próprio avança com algumas pistas e clarifica-as: prestígio intelectual, beleza lógica, autoridade, justificação do sistema vigente... Poderia ter acrescentado que faltou a Malthus uma sólida teoria monetária, que se opusesse à visão da neutralidade da moeda, entendida como um simples véu. A economia de troca directa, subjacente à argumentação de Say, cedeu lugar a uma economia cada vez mais monetária: com a moeda como instrumento de reserva, as operações de compra e de venda são separadas, esses actos são compartimentados, isto é, pode-se vender sem comprar em seguida. Donde a possibilidade de crises de sobreprodução, de subconsumo, o pessimismo de Malthus contrastando com o optimismo industrialista de Say. O enquadramento teórico que fundamentasse o comportamento de entesouramento teria de esperar pela própria concepção da preferência pela liquidez de Keynes.

Talvez esta omissão malthusiana seja consequência da abordagem assumidamente mais operacional em termos da realidade observada do que na análise profunda das suas explicações, como decorre da leitura da parte final do título de Malthus (1820): “*with a view to their practical application*”. A defesa do carácter prático da Economia Política pode interpretar-se como manifestação da influência exercida pelo empirismo iluminista de Hume (6). Curiosamente, esta preocupação aproxima-o de Say que, com frequência, se mostrava orgulhoso do seu sucesso empresarial, prova, em seu entender, da adequada compreensão do funcionamento dos mecanismos de funcionamento das economias reais.

A aderência da posição de Malthus aos factos não convenceu Ricardo, nem a generalidade dos autores relevantes que se seguiram. Como escreveu Keynes (1936, Pg. 364): a atitude desses economistas consistiu não em eliminar o problema resolvendo-o, mas sim não o mencionando. E, deste modo, o heterodoxo Malthus foi passando à História, neste contexto, como um rebelde solitário, “herético”, embora com apoios ocasionais, como o de Marx e a sua apologia de crises cada vez de maior frequência e dureza, até ao colapso final do sistema capitalista.

Como vimos atrás, Keynes (1936) salvou-o desse purgatório, erigindo o princípio da procura efectiva em peça central da sua teoria, consagrando-lhe todo o Capítulo III. Sublinhe-se, de passagem, uma diferença conceptual: a procura dita “efectiva” de Keynes não é mais do que uma procura “*expected*” (termo repetidamente usado), nada garante que se venha a concretizar. Sem se

pôr em causa a sua relevância na tomada de decisões dos empresários, cremos que “potencial” seria uma escolha mais adequada. E, acrescentando-se, para além de Malthus, o edifício keynesiano beneficiou da influência de Wicksell e da Escola Sueca – há alusão na “Teoria Geral” - na elaboração da sua teoria monetária da produção (7).

Concluindo: Malthus merece, em termos de ruptura com o pensamento económico da sua época e como inspirador de Keynes, não ficar confinado na nossa memória, apenas como o dinamizador dos estudos demográficos. Deve ser recordado bem para além do “Old Pop” (de população) como, carinhosamente, era conhecido pelos seus alunos (Butler-Bowdon, 2017, Pg.175). Por exemplo, acompanhando Keynes (1933, Pg. 120) na sua apoiada homenagem: “If only Malthus, instead of Ricardo, had been the parent stem from which nineteenth-century economists proceeded, what a much wiser and nicer the world would be today”.

Notas

- 1) Não obstante essa debilidade, Schumpeter (1954, II, Pg. 54) afirma, ao analisar a história da emergência do conceito de equilíbrio geral: “L’oeuvre de Say est le maillon le plus important de la chaîne qui nous conduit de Cantillon et Turgot à Walras ».
- 2) Esta aceitação da Lei de Say vai de par com claras divergências de Ricardo no tocante à teoria do valor e da repartição.
- 3) Rapaz (2011) já tinha introduzido esta oposição.
- 4) Curiosidade, talvez elucidativa: nas obras referenciadas, Malthus (1820) cita Say um par de vezes, Ricardo (1817) algumas dezenas.
- 5) A admiração de Keynes por Malthus não impede que lhe tenha endereçado críticas: Pullen (2001) analisa algumas delas, por exemplo, sobre o papel da taxa de juro e o conceito de oferta efectiva.
- 6) Aliás, amigo do pai de Malthus, visita da casa e um dos inspiradores dos seus “Princípios da População” (1798).
- 7) Para além das investigações de Wicksell, as ideias de Keynes (1936) tinham sido precedidas pelos trabalhos, ignorados na “Teoria Geral”, do jovem economista polaco Kalecki (1933), de formação marxista, que, privilegiando a insuficiência da procura, elaborou uma teoria do nível do rendimento e do emprego, muito semelhante à do Mestre de Cambridge. Em ambos os casos, a barreira linguística terá retardado a disseminação das suas contribuições.

Referências

- BUTLER-BOWDON, Tom (2017), *50 Economics Classics*, Londres, Nicholas Brealey Publishing.
- KEYNES, John Maynard (1933), *Robert Malthus : the First of the Cambridge*

- Economists*, em *Essays in Persuasion*, Londres, MacMillan and Co, Ltd.
- KEYNES, John Maynard (1936), *The General Theory of Employment, Interest and Money*, Londres, MacMillan and Co, Ltd (citações no texto referem-se à edição de 1970).
- MALTHUS, Thomas Robert (1820), *Principles of Political Economy considered with a view to their practical application*, Londres, John Murray.
- PULLEN, J.M. (2001), *Keynes' criticisms of Malthus and Malthus'Reply : the Concept of Effective Supply*, History of Economics Review, Janeiro.
- RAPAZ, Virgílio (2011), *Nos 75 anos da Teoria Geral: uma prequela*, Economia e Empresa, n.º 12.
- RICARDO, David (1817), *On the Principles of Political Economy and Taxation*, Londres, John Murray.
- SAY, Jean-Baptiste (1803), *Traité d'économie politique ou simple exposition de la manière dont se forment, se distribuent et se consomment les richesses*, Paris, Crapelet.
- SAY, Jean-Baptiste (1820), *Lettre première à Malthus*, em Say (1996)
- SAY, Jean-Baptiste (1996), *Cours d'économie politique et autres essais*, Paris, GF-Flammarion.
- SCHUMPETER, Joseph (1954), *History of Economic Analysis*, Oxford, Oxford University Press (citação no texto refere-se à versão francesa, *Histoire de l'analyse économique* (1983), Paris, Gallimard).
- SISMONDI, Jean-Charles (1819), *Nouveaux principes d'économie politique*, Paris, Delaunay.